

GEOGRAFIA

Fique ligado na crise mundial

Na hora de estudar para a prova de Geografia da primeira e segunda etapa do Programa de Avaliação Seriada (PAS), os estudantes não podem esquecer um tema que tem 99% de chances de cair nos exames: a crise econômica mundial, que foi assunto obrigatório até em rodas de batequim durante o ano passado, e, especialmente, a crise que o Brasil atravessa neste momento.

No mês passado, o abalo mundial que a crise no Brasil gerou é um bom exemplo de como as coisas acontecem. Tudo começa quando os investidores internacionais suspeitam da instabilidade política e econômica do país e, da noite para o dia, tiraram o dinheiro que investiram, levando-o para onde houver lucro mais rápido e seguro. Com isso, o país vai ad fundo do poço, a recessão aumenta, assim como a inflação e o desemprego.

Conhecimentos

Para entender todo esse mecanismo, no entanto, é preciso ter noções de como funciona a economia em tempos de globalização e ter um certo conhecimento histórico para saber como os fatos se desenrolaram. Por isso, é fundamental voltarmos um pouco no tempo, a 1994, com a crise do México, primeiro país a passar por crise semelhante a do Brasil e que afetou todo o mundo.

Quem orienta a nossa viagem é o professor de Geografia do Centro Educacional 10, em Ceilândia, Kleber da Silva Carvalho, que também ministra aulas no Colégio Projeção e no curso pré-vestibular NDA, além de ser membro do comitê de Geografia do PAS.

Ditaduras

Na década de 90, as ditaduras começam a ser questionadas e todas as suas falhas vêm à tona, com os milagres econômicos sendo desmascarados. "As ditaduras acabaram minando a economia com uma má administração do capital investido, ou seja, com obras faraônicas, corrupção e especulação da moeda", explica Kleber Carvalho.

Acontecem rebeliões, que geram insegurança política, e que faz com que os investidores internacionais, com medo de perder dinheiro, retirem o capital que investiram. As economias fracas (que têm suas reservas baseadas em capital de curto prazo – que vão e vêm de acordo com o mercado), com a saída de dinheiro, vão à bancarrota.

México

Foi o que aconteceu no México, em 1994. O exército zapatista comandou uma rebelião na região de Chiapas, que criou instabilidade política em todo o país. Com medo, os investidores retiraram às pressas seu dinheiro, e como a economia mexicana dependia deste capital, foi à falência. A crise do México afetou todo o mundo: derrubou as bolsas, muita gente perdeu dinheiro pelo mundo e mostrou que as economias estavam interligadas. "A crise do México mostrou para o mundo que vivíamos em plena globalização, problemas em um país afetam todo o globo", analisa o professor.

A globalização, na verdade, explica Kleber Carvalho, já existe há muitos anos, só que em menor velocidade. Com o desenvolvimento das comunicações, as distâncias ficaram menores. É possível a um investidor acompanhar os pregões de Bolsas pelo mundo afora e, com isso, retirar dinheiro de uma Bolsa em queda e aplicá-lo minutos depois em outro país, onde vai lucrar mais. É um verdadeiro jogo de xadrez em escala mundial.

Diversificação

Os investidores também passaram a aplicar em vários países, para diversificar negócios, e, com as privatizações, a presença estrangeira passou a ser frequente. Quem sentiu a crise brasileira

mais de perto, por exemplo, foi a Espanha, que comprou muitas empresas privatizadas por aqui.

Com uma economia instável, os Tigres Asiáticos (Coréia do Sul, Hong Kong, Formosa, Cingapura, Indonésia, Malásia e Tailândia) foram os próximos países a entrar em crise. Eles foram afetados diretamente pela crise do México, e pela retirada de investimento do Japão, dos Estados Unidos e da União Européia, que os mantinham. Esses países asiáticos cresceram muito, já estavam competindo de igual para igual com as grandes potências, o que não era mais interessante para elas.

Com a saída de capital, em 1997, vêm aqueles efeitos devastadores: queda nas reservas, desvalorização da moeda, recessão e queda do país. "1997 é uma época decisiva, é o momento em que eclodem os problemas, um por um os Tigres vão caindo, e a confusão se instala", esclarece o professor.

Japão

A ironia é que a queda dos Tigres afetou o Japão, que entra em crise no primeiro semestre de 1998. É o "efeito dominó", que se instalou desde a crise do México. O Japão, que financiava os Tigres, toma calote e também começa a passar por problemas políticos. Denúncias de corrupção vêm à tona, causando temor nos investidores e na população, que começa a guardar dinheiro em vez de comprar. Com a diminuição do consumo, os preços caem (lei da oferta e da procura), e a economia entra em recessão. E novamente, crise.

O país que mais sentiu a crise japonesa foi a Rússia, que entrou em colapso logo depois. A Rússia já vivia, desde a abertura, graves problemas políticos. Inicialmente, várias empresas investiram no país, já que era um novo mercado, acreditando que ele se adaptaria facilmente ao capitalismo neoliberal. Mas não foi o que aconteceu, a Rússia não tinha experiência histórica no capitalismo e já possuía uma economia falida, mesmo antes das mudanças. "A economia russa perdeu credibilidade, o paraíso se mostrou muito frágil, e os investidores fugiram", avalia Carvalho.

Efeito vodca

O "efeito vodca" atingiu em cheio o Brasil, que é uma economia instável.

No início do Plano Real que estabilizou a moeda, o País ganhou credibilidade internacional e atraiu o entusiasmo dos investidores externos. Só que agora, no último ano, esperava-se que o Governo continuasse o processo de estabilização e tomasse medidas sérias para melhorar o País, mas que seriam impopulares.

Com as eleições, porém, o Governo preferiu adiar as medidas e garantir a reeleição. Com a moratória mineira, em janeiro, e a demissão do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, os investidores passaram a desconfiar da liderança firme do Governo e, como sempre, preferiram retirar seu dinheiro com medo de o barco afundar.

"O Brasil não soube mostrar para o mundo um controle político interno, não tomou as medidas certas na hora certa", explica o professor Kleber. Com a incontrolável saída de dólares, o valor da moeda americana subiu (mais uma vez, lei da oferta e da procura), o Real se desvalorizou, o que pode terminar em aumento de preços, volta da inflação e crescimento do desemprego.

Argentina

É lógico que a crise brasileira afetou todo o mundo, como sempre acontece, mas a Argentina foi quem mais sofreu. Economia frágil, a Argentina é uma das principais parceiras comerciais do Brasil. Para os argentinos, que têm uma moeda valendo o mesmo que o dólar, é mais interessante comprar os produtos brasileiros que, para eles, caíram pela metade do preço, o que deve afetar o consumo de produtos nacionais. Mas isso é outro capítulo da História, que ainda está se desenrolando.

O que se sabe é que, fatalmente, a crise brasileira afetará todo o acordo com o Mercosul, e talvez possa comprometê-lo. É nesse enfoque que deve ser cobrada a prova do segundo ano: em relação, especificamente, à crise brasileira, as consequências internas e repercussão no Mercosul.

Dos alunos da primeira etapa, cobra-se um conhecimento mais abrangente. Eles têm de saber que a crise brasileira não é isolada, e é preciso entender o conceito de globalização e os reflexos da crise em todo o mundo.